

**Textáfria do Chimoio**

## **UM "COLOSSO" COM OS VECTORES DIRECCIONADOS PARA O PROGRESSO**

- Projecto luso-moçambicano tira a fábrica em curto espaço de tempo da situação deficitária para a de maior unidade têxtil de toda a África Oriental

*por Bento Balói*

**D**E há alguns anos para cá que o nosso país adoptou uma política de abertura ao investimento estrangeiro como forma de imprimir uma maior dinâmica no desenvolvimento da nossa economia. Ao abrigo dessa política, vários são os projectos com financiamento estrangeiro que ganharam corpo no país e estão de certa maneira a ter um impacto na economia da nossa sociedade. De entre estes projectos há a destacar aquele que fez despertar o "colosso" do planalto do Chimoio, que andava "meio adormecido" desde a Independência Nacional. Trata-se do projecto Textáfria, que deu os seus primeiros passos em 1987 com sessenta por cento de capital do Banco Português do Atlântico (BPA) através da "FOMENTO", e os restantes quarenta por cento constituem a comparticipação moçambicana. Este projecto luso-moçambicano conseguiu em curto espaço de tempo tirar a Textáfria de uma situação deficitária para a de maior unidade têxtil de toda a África da costa do Índico, e é hoje considerado um exemplo de recuperação económica e um modelo para futuros investimentos portugueses em Moçambique.

A nossa Reportagem conversou com o Eng<sup>o</sup> Sousa Pinto, o Administrador da contraparte portuguesa, que nos deu uma panorâmica geral do trabalho que está a ser desenvolvido naquela unidade fabril, bem como das perspectivas que têm os vectores direccionados para o progresso.

Os anos que se seguiram logo após a proclamação da nossa Independência Nacional, em 1975, foram marcados por um acentuado declínio nos índices de produtividade dos diversos sectores da economia nacional, provocado por vários factores que se circunscreviam no contexto político da época. A famosa fábrica de têxteis Textáfria do Chimoio, não fugiu à regra e submergiu numa situação totalmente

caótica que a conduziu a uma degradação progressiva. Entretanto, no ano de 1987, beneficiando duma maior abertura aos investimentos estrangeiros a que o nosso país se propunha, os Governos de Portugal e de Moçambique resolveram deitar mão e pôr o "colosso" em funcionamento através de um projecto de cooperação. O Administrador da contraparte portuguesa, Eng<sup>o</sup> Sousa Pinto, narra

os primeiros passos dados pelo projecto: o arranque deste projecto em 1987 conheceu várias dificuldades. A degradação do equipamento era grande a falta de organização, de disciplina, digamos todos os adjectivos que queiram imaginar para uma empresa com cerca de quatro mil trabalhadores que deixou de ter comando durante uns tempos. Exigiu-se grande coragem por

parte da equipa que esteve na altura de arranque, pois requeria-se muito trabalho, sobretudo no capítulo da reabilitação.

O Eng<sup>o</sup> Sousa Pinto disse ainda que apesar de todas as dificuldades procurou-se desde o início manter-se vocação da unidade fabril que era de produzir tecidos para o mercado nacional. Os primeiros três anos foram os mais difíceis e absorveram fortíssimos investimentos e a componente externa foi enorme. Entretanto, a Textáfria estava virada para o mercado interno e viu-se a necessidade de se criarem produtos de exportação para reequilibrar o nível do défice externo, atalhou o nosso interlocutor.

— Mas as exportações não apareceram com muita facilidade e começou-se a sentir dificuldades terríveis para a sobrevivência da Textáfria pois a componente interna por muitos metícalos que fizesse não davam para pagar a dívida externa que se estava a

criar. Em 1989 faz-se um estudo técnico-económico no qual se estudam novas formas de rentabilizar ao máximo o equipamento disponível bem como perspectivar-se formas de se fabricar novos produtos que pudessem ter aceitação no mercado internacional. Dito efeito, pôs-se mãos à obra e começou-se a lutar contra o mito instalado na Europa, segundo o qual os produtos africanos não oferecem grande qualidade nem garantia de fornecimento regular. Alí estabelecemos o Plano Director da Textáfria que foi redimensionado à nova filosofia de trabalho — conta o nosso entrevistado — Estabelecemos os oito produtos para o mercado nacional, os quais chamámos por os oito mandamentos da Textáfria, criámos novos artigos, rentabilizando mais o equipamento quer em flação, tecelagem ao mais próximo possível das melhores performances que esse equipamento podia dar. Esse

plano Director estava agendado que arrancasse a 15 de Dezembro de 1989, e é importante assinalar que tivémos clientes mesmo antes de arrancar o que aumentou as nossas responsabilidades. Contudo, devido a deficiência no fornecimento do algodão só pudemos arrancar a 19 de Fevereiro de 1990, portanto, com dois meses de atraso.

### O Sucesso do Plano

O Eng<sup>o</sup> Sousa Pinto disse ainda à nossa Reportagem que o plano para o primeiro semestre terminou a 7 de Julho, com uma semana de atraso em relação à data prevista que era de 30 de Junho, não obstante terem arrancado com dois meses de atraso. Mas a força de vontade com que todos os envolvidos no processo se empenhavam fez com que o ano de 1990 terminasse com as metas estabelecidas pelo plano Director atingidas e ultrapassadas, ou seja o rendimento foi na ordem dos cento e nove por cento.

— Quer ao nível do nosso

Ministério de tutela aqui em Moçambique como ao nível do Governo Português dizia-se que se conseguíssemos atingir cinquenta a sessenta por cento das nossas metas já seria extraordinário e nós fomos até aos cento e nove por cento. — diz o nosso entrevistado com uma certa satisfação e logo de seguida acrescenta. — Ainda em 1990 batemos o recorde de produção desde a independência (repare que foi no ano em que começámos com dois meses de atraso) e transformamo-nos numa empresa exemplo de recuperação económica. Nesse nosso início de crescimento, em Maio do ano passado atingimos o 1º lugar como exportadores industriais privados da província de Manica e em Agosto do mesmo ano estávamos a atingir o primeiro lugar nacional e hoje a Textáfrica é a maior unidade industrial de toda a África Oriental. O nosso entrevistado afirmou também que o êxito do projecto Textáfrica ultrapassou já as fronteiras nacionais pois o Governo Angolano está a pressionar a FOMENTO para ir recuperar as empresas têxteis angolanas através de empresas mistas, seguindo o exemplo do milagre da Textáfrica.

#### **A "PROGRESSO" PASSARÁ DENTRO EM BREVE PARA A TEXTÁFRICA**

O Governo moçambicano propôs à Textáfrica do Chimoio para que visse a possibilidade de tomar conta de uma das maiores fábricas de confecções do nosso país, a «PROGRESSO», situada na cidade da «cabeça do Velho», e sobre o

facto o Engº Sousa Pinto fez o seguinte comentário — O nosso Conselho de administração já decidiu aceitar este novo projecto. Estamos neste momento a negociar a participação com capital e na avaliação para a posterior aprovação final pelo Ministério das Finanças. É mais um barco, mais um projecto, enfim, mais uma frente da batalha que a Textáfrica vai pegar e estamos convictos que vamos tornar a Fábrica de Roupas «PROGRESSO» mais próspera. Assim sendo a Textáfrica, uma unidade têxtil que atingiu no ano passado a produção de 12 milhões de metros quadrados de tecido quando a sua capacidade é de 23 milhões e seiscentas e que este ano prevê ir até aos 15 milhões, rentabilizando ao máximo todo o seu equipamento trabalhando pelas pontas, depois da produção do seu próprio algodão ao que se propõe, e agora com a fábrica de confecções vamos poder provar internacionalmente que Moçambique tem produtos de qualidade para colocar no mercado mundial — afirmou.

#### **APOIO AOS TRABALHADORES**

A Textáfrica é uma enorme unidade industrial que movimenta por completo quase toda a cidade de Chimoio, estando neste momento a contar com cerca de quatro mil trabalhadores. Sendo assim, conforme pudemos constatar o Conselho de Administração da empresa tem levado um vasto programa de concessão de regalias sociais aos seus trabalhadores.